

Livros e matanças

Na última semana, o livro, tão esquecido, teve seus momentos de visibilidade, quando os holofotes da mídia dirigiram-se para o roubo de velhos *in folio*, preciosidades raras, que tranqüilas viviam o sono eterno das estantes silenciosas das bibliotecas e dos museus.

Há pouco tempo, o Congresso votou o Estatuto do Idoso, visando a bem-estar e respeito à velhice, contra essa costumeira postura de ridicularizá-la, nas histórias contadas às crianças de “era uma vez uma velha coroca,/ nariz de taboca,/ da perna torta”.

O noticiado roubo do livro está mostrando que devemos fazer uma lei que seja o Estatuto do Livro Idoso, para que seja bem tratado, segurança contra a poeira, protegido contra fungos, umidade, insetos, traças e larápios.

Nestes tempos de tortura, em que alguns soldados americanos que chegaram ao Iraque com a cabeça pornô pegam aqueles árabes, fiéis às leis rígidas do Alcorão, e os fazem tirar a roupa



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

e fazer coisas de “corar frades de pedra”, também, aqui, agora, vemos a tortura dos livros velhos. No Museu Nacional, sem fotografia, submeteram o William Pison, no seu tratado de História Natural do Brasil, a uma crueldade monstruosa. As páginas amareladas pelo tempo, cansadas pelo peso dos anos e abandonadas, foram seduzidas por um rapaz, estudante de biblioteconomia, que, disfarçado de pesquisador, de gilete na mão, fio bem afilado, dilacera-lhes as folhas, carnes indefesas, e passa a cortá-las, para tirar sua identidade, decepar-lhes as mãos e deformar-lhes o rosto.

Os pobres livros não têm segurança pessoal, polícia e

guarda como nós. Vivem em absoluta miséria, sem verbas, sem a mínima segurança. O resultado é o que se viu. O velho livro sangrando e de páginas cortadas foi bater numa feira de breguessos, ultrajado como se fosse inutilidade. Um sujeito de bom coração tem pena dele, compra-o compungido (?) e resolve levá-lo para casa. Aí descobre que o pobre velhinho era de morada conhecida, o Museu Nacional, este, também, passando fome e miséria, sem pão nem água.

O mundo está difícil também para os homens que lêem

inimagináveis programas de computador, viagens, ficção, ciência, tudo e tudo. Como se diz nas escolas de samba: merece respeito e passagem.

Mas o mundo está difícil não

só para os velhos livros, mas também para os homens que lêem livros. Nossos olhos já estão cansados de ver o que se passa na brutalidade dos bombardeios e matanças que se fazem em Gaza e no Iraque.

Para encontrar coincidências, lembro que bem próximo dali, no Oriente Médio, onde hoje se matam, esmagam, dilaceram, torturam e pisoteiam seres humanos, em Alexandria, existiu uma biblioteca famosa, zelada por Eratóstenes, aquele mesmo que calculou certinho, sem computador ou satélite, o diâmetro da Terra. Era o maior tesouro de livros antigos. Foi saqueado e queimado.

Na Antiguidade como hoje, livros e homens são torturados e mortos, enquanto, para mostrar coisas novas, as soldadas americanas pra-frentinhas e excitadas se divertem com iraquianos pelados, sem gilete.

Haja Bush e mundo.

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras